

---

## ENUNCIÇÃO

### Revista do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFRRJ

---

#### Quem se manteria encoberto? A interpretação de Heidegger de um fragmento de Heráclito de Éfeso

*Who would keep himself covered? Heidegger's interpretation of a fragment from Heraclitus  
of Ephesus*

Francisco José Dias de Moraes\*

 <https://orcid.org/0000-0002-2166-8048>

**Resumo:** Em sua leitura e interpretação do fragmento 16 de Heráclito de Éfeso, Heidegger busca remontar às raízes do pensamento ocidental, a fim de abrir caminho para o que ele chama de um outro começo. Para Heidegger, o fragmento fala da ALÉTHEIA, mas não fala propriamente sobre ela. Trata-se, assim, de recuperar para o nosso porvir histórico uma experiência fundamental que teria se extraviado, à medida que a verdade como correção se tornou a obsessão do pensamento metafísico. No presente artigo, porém, procuro problematizar alguns aspectos dessa leitura, que nos impedem de perceber justamente a presença viva do pensamento de Heráclito na Antiguidade.

**Palavras-chave:** Verdade, Heidegger, Heráclito.

*Abstract:* In his reading and interpretation of fragment 16 of Heraclitus of Ephesus, Heidegger seeks to go back to the roots of Western thought in order to pave the way for what he calls another beginning. For Heidegger, the fragment speaks about ALÉTHEIA, but does not properly speak about it. Therefore it is a matter of recovering for our historical future a fundamental experience that would have been lost, when truth as correction became the obsession of metaphysical thought. In this article, however, I seek to problematize some aspects of this reading, which prevent us from perceiving precisely the living presence of Heraclitus' thought in Antiquity.

---

\* Professor associado do departamento de filosofia da UFRRJ, membro permanente do Programa de Pós-graduação em filosofia da UFRRJ (PPGFIL) e membro colaborador do Programa de Pós-graduação em filosofia da UFRJ (PPGF).

**Keywords:** *Truth, Heidegger, Heráclito.*

Trataremos aqui da interpretação de Heidegger do fragmento 16DK de Heráclito de Éfeso, elaborada em conferência pronunciada no ano de 1943. A conferência, por sua vez, é um condensado do curso ministrado pelo filósofo alemão no semestre de verão do mesmo ano sobre Heráclito. Heidegger, certamente, não é um leitor comum de Heráclito e dos gregos. Por leitor comum, entendo um leitor que se interessaria em compreender a filosofia de Heráclito, objetivamente, em diálogo com o curso da história da filosofia ocidental, fazendo remontar os fragmentos que chegaram até nós ao contexto mais amplo no qual eles foram escritos, de acordo com os dados disponibilizados pela pesquisa filológica e pela história das ideias. Um leitor comum se interessaria pela filosofia de Heráclito para tentar saber o que Heráclito efetivamente pensou, o que por si não seria tarefa fácil, em virtude de ao menos três fatores: 1. A distância temporal que nos separa do mundo em que viveu o pensador, 2. A língua na qual Heráclito formulou seu pensamento e 3. O estilo heraclítico, considerado de difícil acesso mesmo para os filósofos gregos imediatamente posteriores, na época em que se podia ter acesso ao livro de Heráclito em sua integralidade<sup>1</sup>. Como se não bastassem essas dificuldades, que poderiam ser consideradas intransponíveis, temos ainda o fato de os fragmentos que chegaram até nós terem sido citados a partir de motivações muito distintas, o que levanta a suspeita de uma apropriação indébita do pensamento original de Heráclito. Dessa suspeita não estariam livres nem mesmo filósofos como Platão e Aristóteles, para não mencionar padres da igreja, como Clemente de Alexandria, a quem devemos o fragmento com o qual nos ocuparemos aqui. Em vez de tentar vencer todas essas barreiras, Heidegger se propõe a realizar algo totalmente inusitado: acessar não o que Heráclito propriamente disse e pensou objetivamente, mas aquilo que permanece como o não dito em seu pensamento. Este não dito atenderia pelo nome de ἀλήθεια. Para tanto, julga necessário abandonar toda pretensão de compreender corretamente o que Heráclito efetivamente pensou. Em suas palavras: “Querer perseguir a doutrina objetivamente correta de Heráclito é

---

<sup>1</sup> Diógenes Laércio transmitiu um relato segundo o qual Eurípides, depois de ter apresentado Sócrates com o livro de Heráclito, perguntou-lhe sobre a sua impressão acerca do que havia lido. Sócrates teria respondido que aquilo que logrou compreender lhe pareceu excelente, e que da mesma qualidade deveria ser, a seu juízo, o que não chegou a compreender, embora tivesse necessidade de um mergulhador de Délos como intérprete. (LAÉRCIO, livro II – Sócrates, 2001, p.110).

um intento que recusa o perigo salutar de se deixar atingir pela verdade de um pensamento.”<sup>2</sup> Segundo Heidegger, seria preciso ler Heráclito despretensiosamente, ou seja, despido de todo propósito de determinar a verdade de sua doutrina, para, somente assim, expor-se ao perigo salutar de ser atingido pela verdade de seu pensamento. Isso significa admitir que Heráclito, ou melhor, seu pensamento, pode falar diretamente conosco, deixando-nos em estado de profunda perplexidade, o que seria um perigo salutar, condição para que possamos nós mesmos pensar. No entanto, seria salutar impedir, antecipadamente, que busquemos determinar, de maneira correta, o que Heráclito efetivamente pensou? Todo empenho de crítica textual e de análise comparativa seriam meros entraves à verdade do pensamento de Heráclito? Seriam também desprezíveis, por exemplo, as interpretações dos fragmentos e da doutrina de Heráclito que chegaram até nós por intermédio de filósofos como Platão e Aristóteles, para não mencionar os estoicos, que, segundo Charles Kahn, foram os autênticos herdeiros e continuadores da filosofia de Heráclito na Antiguidade<sup>3</sup>? Definitivamente, parece-nos que este não seja o caso. Buscaremos, não obstante, acompanhar Heidegger em sua tentativa de abrir caminho para a ἀλήθεια, entendida como a suposta verdade do pensamento de Heráclito, mediante a interpretação do fragmento 16DK. Queremos correr o perigo salutar de sermos atingidos pela verdade do pensamento, sem renunciarmos ao esforço, igualmente salutar, de avaliar a correção da interpretação heideggeriana.

O fragmento 16 DK, escolhido por Heidegger como o “primeiro”, por ocasião do curso ministrado sobre Heráclito, tem a forma de uma pergunta e foi citado por Clemente de Alexandria, um padre da Igreja, que viveu de 160 a 220 d.C. Eis o fragmento:

Τὸ μὴ δῶνον ποτε πῶς ἄν τις λάθοι;

A tradução de Diels-Kranz, por sua vez, traduzida para o português, é a seguinte:

Como alguém poderia manter-se encoberto face ao que nunca se deita  
(declina)?

---

<sup>2</sup> HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 231.

<sup>3</sup> “Os estoicos viam Heráclito pelas lentes deformadoras de seu próprio sistema, mas esse sistema era ele próprio baseado num profundo estudo de seus escritos, de modo que eu acredito ser a interpretação estoica, em suas linhas gerais, mais fiel ao pensamento do próprio Heráclito do que geralmente se costuma reconhecer. Ao modo dogmático da escola, e sem a sutileza de pensamento e expressão do original, os estoicos são os verdadeiros heraclitianos da Antiguidade.” (KAHN, 2009, p. 24)

No curso acima referido<sup>4</sup>, Heidegger traduz de maneira ligeiramente diferente:

Como alguém poderia manter-se encoberto face ao que a cada vez já não declina?

Antes de citar o que se tornará, quase dois milênios depois, o fragmento 16 DK de Heráclito, Clemente fez as seguintes observações:

Λήσεται μὲν γὰρ ἴσως τὸ αἰσθητὸν φῶς τις, τὸ δὲ νοητὸν ἀδυνατὸν ἔστιν, ἢ ὧν φησι Ἡράκλειτος...

(Alguém poderá, presumivelmente, manter-se encoberto em face da luz sensível, mas é impossível manter-se encoberto em face da luz inteligível, como diz Heráclito...)

Sem pretender avaliar as razões que o levaram a destacar o fragmento 16 DK como o primeiro, é importante espantar-se com o fato de que Heidegger se dá ao trabalho de tecer esclarecimentos sobre o autor da citação e sobre a sua interpretação, citando em grego a passagem e traduzindo-a. Não apenas isso. Na sequência, Heidegger cita outra passagem do livro *O pedagogo*, de Clemente, para caracterizar, de maneira objetiva, os pressupostos da interpretação do padre da igreja. A passagem do capítulo 5 do livro III da referida obra diz:

Οὕτως γὰρ μόνως ἀπῶς τις διαμένει, εἰ πάντοτε συμπαρεῖναι νομίζοι τὸν θεόν.

(Assim, pois, há apenas um modo de não se cair em falta, a saber, quando se considera que Deus está em toda parte.)<sup>5</sup>

Heidegger cita a passagem de Clemente para indicar que ela não está de acordo com o que propriamente está em questão no fragmento citado de Heráclito. Enquanto Heráclito fala “apenas” do que nunca ou do que a cada vez já não declina, Clemente fala da onipresença de Deus. Se Heidegger não subscreve a leitura do padre da igreja, isso significa que, para ele, deve ser descartada como um erro a assimilação do fragmento de Heráclito à doutrina cristã. Efetivamente, Heráclito estaria falando de outra coisa, já que nada na passagem alude a algo como uma falta moral. Seria, além disso, cometer um evidente anacronismo atribuir a Heráclito semelhante concepção. Para compreender a pergunta *de maneira grega*, isto é, de

---

<sup>4</sup> HEIDEGGER, M. *Heráclito: A origem do pensamento ocidental: Lógos: a doutrina heraclítica do lógos*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998, p. 61.

<sup>5</sup> HEIDEGGER, M. *Ensaios e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p. 230.

maneira correta, torna-se necessário afastar todo entendimento facilitador que se origina de uma transposição de sentido a um contexto mais próximo e familiar. Seria ilusório imaginar que Heráclito pudesse estar se referindo, na pergunta, à onipresença de Deus ou a uma luz inteligível. Mas a que Heráclito estaria propriamente se referindo?

O primeiro passo para responder a essa pergunta consiste em analisar os termos ou elementos constituintes do fragmento. Ao fazermos isso, salta aos olhos que a pergunta reúne, numa simplicidade impressionante, duas partes distintas, mas que se encontram, indissolúvelmente, articuladas entre si: a) o que não declina; b) o não poder manter-se encoberto de alguém. Transformando a pergunta em uma afirmação, teríamos que ninguém pode manter-se encoberto em face do que não declina. Este alguém, ao que tudo indica o ser humano, estaria condenado a apresentar-se. Só que também caberia ler a pergunta entendendo que o apresentar-se do que se apresenta sempre exige a presença de alguém, melhor dizendo, que alguém esteja aí presente. Desse modo, se repararmos na pergunta em si mesma, não faz sentido conceber o homem como mera extensão do que não declina, ou, nos termos de Clemente, como criatura de Deus. O apresentar-se requisita o homem para que ele – o alguém do fragmento - se apresente. Afinal, como poderia manter-se encoberto?

Uma leitura do fragmento, que pretenda lê-lo *de maneira grega*, precisa primeiro caracterizar corretamente seus termos, evitando assim equívocos fatais, que distorceriam seu conteúdo. Mas como acessar a verdade desses termos? Como saber o que eles, verdadeiramente, significam? Heidegger propõe a via etimológica, acompanhada de uma sondagem a autores gregos diversos, de distintos momentos históricos, de modo a tentar flagrar o verdadeiro significado dos termos fundamentais do fragmento, numa espécie de visita guiada; mescla assim o conhecimento da língua grega, inclusive gramatical, com citações de expressões ou passagens de Homero, Píndaro e Epicuro. Também são trazidos outros fragmentos de Heráclito, bem como Parmênides, sem qualquer pretensão de fazê-lo de modo exaustivo. Com o recurso à etimologia e a passagens selecionadas de autores gregos, sejam eles poetas ou filósofos, tenta circunscrever o significado original dos termos, evitando assim conceder qualquer valor às interpretações dos comentadores antigos ou contemporâneos. A única interpretação digna de crédito seria aquela que brotasse da força significativa das palavras, compreendidas *de maneira grega*. É como se Heidegger conferisse à língua grega poderes especiais, capazes de nos abrir as portas da verdade. Desse modo, o

primeiro termo analisado, τὸ μὴ δῦνον ποτε, não poderia significar nenhum ente, nenhum estado de coisas fixo, mas antes um movimento especial, um “não declinar”, um “não se pôr”. Gramaticalmente, há duas partículas de negação em grego: οὐκ e μή. Segundo Heidegger:

μή é uma partícula de negação. Como οὐκ, significa “não”, só que em outra acepção. Οὐκ retira alguma coisa daquilo que é alcançado pela negação. Μή, ao contrário, atribui alguma coisa àquilo que entrou no âmbito da sua negação: uma recusa, um manter à distância, um velar. Μή...ποτε diz: já não...a cada vez.<sup>6</sup>

Heidegger sugere que a escolha da partícula de negação μή, em lugar de οὐκ, indica que Heráclito não pensa no simples estar aí de algo que nunca se põe, mas antes em uma recusa a declinar e assim, portanto, em uma forma insigne de manifestação: uma espécie de aparição pura, sem nada que a sustentasse, ou, como diz em *Ser e tempo*: “por trás dos fenômenos da fenomenologia não há nada.”<sup>7</sup> Já a palavra que aparece entre a partícula de negação μή e o advérbio ποτε é δῦνον, que é o particípio presente do verbo δύω, que significa adentrar, entrar em alguma coisa, declinar, mergulhar. Em grego, βίου δύντος significa: o declínio da vida (Bailly). Para Heidegger, “o deitar-se, o declinar é pensado, de modo grego, como um entrar no encobrimento (*Eingehen in die Verbergung*).”<sup>8</sup> Com isso, a expressão Τὸ μὴ δῦνον ποτε significaria algo como “o que já não a cada vez declina”. Mas em se tratando do particípio grego, sempre se torna possível acolher um sentido nominal ou um sentido verbal. Heidegger insiste que aqui não se trata de um ente que declina, mas antes do declinar. Seria em face do já não declinar que não seria possível alguém manter-se encoberto e não em face de um ente qualquer que estaria sempre e em toda a parte vigilante. A interpretação do primeiro termo do fragmento não se conclui, porém, com a análise gramatical e etimológica. Um passo decisivo ainda será dado para tentar iluminar a que, afinal, se refere o já não declinar. Heidegger substitui o “nunca declinar” por “sempre surgir”, τὸ ἀεὶ φύον. Aqui

---

<sup>6</sup> HEIDEGGER, M. *Ensaios e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.237.

<sup>7</sup> HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006, p.75.

<sup>8</sup> HEIDEGGER, M. *Ensaios e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.242.

começa um movimento interpretativo que busca encontrar em outros fragmentos de Heráclito elementos de corroboração que evidenciem a centralidade do que está em questão em seu pensamento. Heidegger admite que a palavra ἀειφύον não se encontra em nenhum fragmento de Heráclito e indica, como um equivalente perfeito, a palavra ἀείζωον que de fato se encontra no fragmento 30 DK: “O mundo, o mesmo em todos, nenhum dos deuses e nenhum dos homens o fez, mas sempre foi, é e será, fogo sempre vivo (πῦρ ἀείζωον), acendendo segundo a medida e segundo a medida apagando.”<sup>9</sup>

O sempre surgir equivaleria ao sempre viver. O fogo sempre vivo, que corresponde ao fazer-se mundo do mundo, que justamente não é produzido por nenhum dos deuses e por nenhum dos homens, e o nunca declinar são o mesmo. Para Heidegger, trata-se simplesmente da φύσις, que, em sua concepção, é a palavra fundamental do pensamento grego. Temos a impressão de estarmos sendo remetidos de uma palavra a outra de maneira vertiginosa. No entanto, é preciso admitir que faz sentido estabelecer um paralelo entre mundo, que “sempre foi, é e será”, e o nunca declinar do fragmento 16 DK. Poderíamos até substituir o nunca declinar pelo mundo, como “o âmbito de todos os âmbitos”, e o fragmento ficaria assim: Como alguém poderia manter-se encoberto em face do mundo, quer dizer, em face do “fogo sempre vivo”? A incandescência do fogo assinala a vigência do mundo, como um conceder e um retirar medidas. O fogo é ele mesmo prudente, φρόνιμον, tal como atesta um fragmento de Heráclito descoberto por Karl Reinhardt<sup>10</sup>. Não é o incêndio que, tal como a ὕβρις, precisa ser apagado (frag. 43 DK). Fogo aqui é antes e principalmente o que, sobrevivendo, distingue e reúne todas as coisas (frag. 66DK).

Πῦρ designa o fogo do sacrifício, o fogo da lareira, o fogo da vigília. Mas diz também o brilho das tochas, o resplandecer das estrelas. No “fogo”, vigora o iluminar, o incandescer, o flamejar, o aparecer suave, esse que amplia o claro na vastidão. No “fogo” vigora também o destruir, o abater, o fechar, o extinguir. Quando Heráclito fala do fogo, ele pensa de forma predominante o vigorar iluminador, o indicar que dá e retira medidas.<sup>11</sup>

O aspecto iluminador e acolhedor do fogo em Heráclito pode ser percebido numa pequena história, contada por Aristóteles e citada por Heidegger:

---

<sup>9</sup> Trad. Emmanuel Carneiro Leão.

<sup>10</sup> HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.243.

<sup>11</sup> *Ibidem*

Diz-se que Heráclito assim teria respondido aos estranhos vindos na intenção de observá-lo. Ao chegarem, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Ali permaneceram, de pé, impressionados sobretudo porque ele os (ainda hesitantes) encorajou a entrar, pronunciando as seguintes palavras: “Mesmo aqui os deuses também estão presentes.”<sup>12</sup>

O fogo, potencialmente devastador, é também e indissoluvelmente, o que aquece e propicia visão, é o elemento que dispõe à vigília. O fogo vigora naquilo que é mais próximo e familiar bem como no mais distante; encontra-se no forno, no brilho das tochas e no resplandecer das estrelas. Heráclito enfatiza a relação entre o fogo e a doação da claridade, que distingue e reúne todas as coisas (66 DK). Por isso, Heidegger pode concluir que “τὸ πῦρ ἐστὶν ὁ λόγος”<sup>13</sup>. Em Heráclito, λόγος não corresponde a uma faculdade humana, não é preliminarmente razão ou discurso, como se tornará mais tarde em Platão e Aristóteles. Λόγος é a reunião iluminadora que deixa vigorar tudo o que é, como se pode ler no frag 50 DK: “Ouvindo não a mim mas ao Lógos é sábio concordar: tudo é um.”<sup>14</sup> Se o fogo apenas distinguisse as coisas, fazendo-as aparecer de maneira isolada, desconectada, e já não as reunisse de alguma forma, seria impossível estabelecer relações, contrastes e comparações. O reunir e o separar, característicos do logos humano, por meio do afirmar e do negar, só são possíveis com base no Λόγος entendido como reunião iluminadora. Afinal, mesmo o confuso, o obscuro e o incompreensível já tiveram de se destacar como tais para serem, tão somente, identificados. Por isso, se o obscuro não exclui essa luz, tampouco o que não se oferece claramente à compreensão se torna simplesmente o que deve ser posto de lado como o incompreensível. É o exemplo de Sócrates na *Apologia* escrita por Platão, ao admitir que ninguém sabe o que é a morte, embora a maioria das pessoas a tema como se soubesse perfeitamente tratar-se de um mal. Sócrates, por sua vez, compreende a morte como o que não se deixa compreender nem como um mal nem como um bem, o que, de forma alguma, equivale a julgá-la como um nada indiferente. (*Apologia*, 29 a-b)

O passo conclusivo dado por Heidegger para estabelecer aquilo a que Heráclito está propriamente se referindo no fragmento 16 DK tem lugar mediante o recurso a outro

---

<sup>12</sup> HEIDEGGER, M. *Heráclito: A origem do pensamento ocidental: Lógos: a doutrina heraclítica do lógos*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998, p.22.

<sup>13</sup> HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.244.

<sup>14</sup> Trad. Emmanuel Carneiro Leão

fragmento, o fragmento 123 DK, que apresenta um vínculo de amizade ou de intimidade entre a natureza, como surgimento duradouro, e o ocultar-se. O fragmento 123 DK traz o conteúdo essencial do já não a cada vez declinar, do fragmento 16 DK, desde que não se cometa o erro de traduzi-lo, segundo os nossos hábitos metafísicos, de maneira a fazer a palavra φύσις significar “a essência das coisas”. Assim o fragmento, compreendido de maneira não grega, isto é, incorreta, diria algo como “a essência das coisas ama esconder-se”. Nas três palavras que compõem o fragmento, φύσις κρύπτεσθαι φιλεῖ, Heráclito estaria se referindo a um tender para o encobrimento do próprio surgimento, e assim ao coração mesmo da φύσις, ou seja, à ἀλήθεια. Ambos, surgimento e encobrimento, seriam o mesmo. Diz Heidegger:

A plenitude vigorosa da φύσις reside nesse tender um para o outro de surgir e encobrir-se. A tradução do fragmento 123, φύσις κρύπτεσθαι φιλεῖ, poderia soar do seguinte modo: “surgir (desde o encobrir-se) favorece encobrimento”. Pensamos, porém, a φύσις de forma bastante provisória quando a tomamos apenas como surgir e deixar surgir e lhe atribuímos alguma propriedade. É que com isso deixamos de lado o decisivo, a saber, que descobrir-se não apenas acompanha o encobrimento, mas dele necessita a fim de vigorar em seu modo próprio de vigorar, ou seja, como des-encobrimento. Somente pensando nesse sentido a φύσις é que se pode também dizer τὴν φύσιν em lugar de τὸ μὴ δῶνον ποτε<sup>15</sup>.

O fragmento 16 DK, de Heráclito, estaria, assim, tratando, segundo Heidegger, da φύσις compreendida essencialmente como ἀλήθεια. A natureza não seria pura e simplesmente um surgir, mas um surgir que preserva um ocultar-se a partir do qual ela pode já não mais declinar. Nessa leitura, é o ocultar-se que favoreceria a plenitude do surgir como des-ocultar-se. Mas de que maneira o surgir necessita do encobrimento para vigorar em seu modo próprio de vigorar? De que encobrimento se trata aqui? Estamos habituados a pensar a realidade de modo compartimentado e por isso nos parece que o surgir exclua o ocultar-se, que a vida (nascer) exclua a morte, que o falar exclua o ouvir, que o saber exclua a ignorância, que a paz exclua a guerra, que a saúde exclua a doença. Heráclito, todavia, nos convida a pensar a unidade dos opostos. De fato, esta é a sua doutrina, caracterizada magistralmente por Platão numa passagem de *O Banquete* (207 d – 208 a), por ocasião do discurso da sacerdotisa Diotima a Sócrates. Heidegger, porém, não dialoga com Platão a respeito de

---

<sup>15</sup> HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.240.

Heráclito e, ao invés disso, promove a aparência de que nem mesmo se interessa pela doutrina de Heráclito, já que somente se interessaria pelo não-dito do seu pensamento. Claramente este seu discurso não se sustenta. Heidegger está sim reconhecendo a doutrina de Heráclito e se apropriando dela, com a pretensão de compreendê-la melhor do que até então ela havia sido compreendida. É o que se pode facilmente reconhecer em suas críticas direcionadas a Hegel e a Nietzsche<sup>16</sup>. Em vez de dialogar com Platão, Heidegger recorre a exemplos e a imagens, a fim de oferecer representações, que, mesmo insuficientes, “ilustrariam” intuitivamente de que maneira o surgir necessita do encobrimento para vigorar propriamente. Em seu curso sobre Heráclito, oferece o exemplo da fonte. O brotar incessante das águas da fonte precisaria pertencer “às águas escondidas”. Em sua essência, diz Heidegger, “toda fonte se mantém protegida pelas águas escondidas da terra, só sendo fonte a partir delas”<sup>17</sup>. Ficamos sem entender o estatuto efetivo desse exemplo e porque se trataria aqui de proteção, algo que, sem dúvida, faria muito mais sentido no caso de um ser vivo<sup>18</sup>.

Em Heráclito, encontramos certamente a unidade dos contrários, mas não necessariamente uma primazia do encobrimento em face do surgimento. É possível dizer, como leitores comuns de Heráclito, que a vida implica o ser capaz de morrer, que a saúde implica o ser capaz de adoecer<sup>19</sup>. É o que Nietzsche, por exemplo, nomeia de “grande saúde”<sup>20</sup>. Platão, por sua vez, afirma ser pela geração que o mortal participa da imortalidade<sup>21</sup>, perspectiva que envolve uma articulação fundamental - não compartimentada - entre nascer e morrer. Tanto Nietzsche quanto Platão parecem estar aqui perfeitamente afinados com a doutrina de Heráclito. No entanto, para Heidegger, o decisivo na φύσις, compreendida essencialmente como ἀλήθεια, seria a relação protetiva do encobrimento para com o surgimento. É como se somente o ser capaz de morrer protegesse a plena vitalidade da vida e somente o ser capaz de adoecer protegesse a saúde em sentido pleno, pois,

---

<sup>16</sup> “Na verdade, devemos mesmo admitir que desde Hegel, e sobretudo desde Nietzsche, configurou-se uma névoa em torno da fisionomia, do pensamento e da palavra de Heráclito, frente à qual podem sucumbir tanto o inexperiente quanto o habilidoso,” (Heidegger, 1998, p.49)

<sup>17</sup> HEIDEGGER, M. *Heráclito: A origem do pensamento ocidental: Lógos: a doutrina heraclítica do lógos*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998, p. 148.

<sup>18</sup> “Tudo que vive, e não apenas a vida vegetativa, emerge das trevas, e, por mais forte que seja sua tendência natural a orientar-se para a luz, mesmo assim precisa da segurança da escuridão para poder crescer.” ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 236.

<sup>19</sup> “A doença faz da saúde coisa boa e agradável; a fome da saciedade; a fadiga do repouso.” (frag. 111 DK)

<sup>20</sup> Gaia Ciência, nº 382.

<sup>21</sup> O Banquete, 206 c.

rigorosamente falando, são o mesmo. Só não se deve confundir o ser capaz de morrer com a morte e o ser capaz de adoecer com a doença. Prevenir-se contra a doença é, muitas vezes, possível e desejável, prevenir-se contra a morte é, muitas vezes, possível e desejável. No entanto, ninguém conseguiria prevenir-se contra o ser capaz de morrer ou contra o ser capaz de adoecer. Pensar assim, com a máxima fidelidade à coisa pensada por Heráclito, não nos autoriza a supor, como quer Heidegger, que o encobrimento tenha primazia em relação ao surgimento. Além disso, nem todo encobrir significa, em Heráclito, um proteger e abrigar. No fragmento 95 DK, Heráclito diz: “Melhor é encobrir (κρύπτειν) a própria tolice, mas é difícil no copo e no descanso.”<sup>22</sup> Ora, está claro que Heráclito não pretende que o encobrir aqui proteja e preserve a própria estultice, muito pelo contrário. Trata-se manifestamente de conter a estultice e não de abrigá-la, intensificá-la. Assim, parece problemático generalizar e compreender o encobrir sem mais como o que protege e abriga o surgimento.

A outra parte do fragmento 16 DK de Heráclito, analisada por Heidegger, envolve a postura de alguém diante do que a cada vez já não declina. Como vimos anteriormente, a forma da pergunta, com o verbo no modo optativo (o nosso subjuntivo), sugere uma impossibilidade radical e, se formulada afirmativamente, diria que a ninguém é dado manter-se encoberto diante do que a cada vez já não declina. Dois termos se destacam: o pronome indefinido τις, que se refere a alguém e não a algo, e o verbo λανθάνω. Heidegger deixa em aberto se o alguém do fragmento se refere aos homens, aos deuses ou a ambos. Por outro lado, será fundamental a sua interpretação do significado de λανθάνω. Heidegger quer recuperar um sentido originário do verbo, que equivaleria a um manter-se encoberto, abrigado, resolutamente apartado do tumulto daquilo que se dá a ver publicamente. Manter-se encoberto seria uma possibilidade extrema do humano e uma maneira insigne de ser homem. A interpretação do verbo nessa direção é coerente com a ênfase concedida ao encobrimento, ao velamento, na palavra ἀλήθεια, já que λήθη deriva manifestamente do verbo λανθάνω. Heidegger oferece duas referências que ilustrariam essa postura privilegiada do manter-se encoberto. A primeira é a máxima dos epicuristas: λάθε βιώσας: viva à parte, viva encoberto. Heidegger traduz e comenta: “Pensadas de modo grego, essas palavras significam: “mantenha-se encoberto enquanto aquele que conduz a sua vida”. O

---

<sup>22</sup> Trad. Charles H. Kahn. O fragmento foi citado originalmente por Plutarco, *Quaestiones Conviviales*, 644 F.

encobrimento determina aqui o modo em que o homem deve vigorar entre os homens.<sup>23</sup>” A outra referência é Homero, que, numa passagem famosa da Odisseia, apresenta Ulisses, envergonhado, mantendo-se encoberto, diante dos feácios, como alguém que chora (Canto VIII, v. 83). Heidegger insiste que Ulisses não esconde simplesmente suas lágrimas, ocultando a cabeça, para não ser visto chorando. Ulisses se resguarda, por pudor, em seu sofrimento. O pudor, αἰδῶς, faz com que reconheçamos um certo limite salutar ao manifestar-se. É um recolhimento que assume um limite propiciador, que outorga o manter-se despreocupado entre os homens, dispensando a necessidade de prestar contas de si ou de ter de justificar-se. Heidegger, porém, não se interroga, minimamente, sobre até onde e quando seria o caso de sentir pudor, o que sugere que a presença pública diante dos outros homens sempre possui, para ele, um caráter de ameaça. O pudor, assim compreendido, poderia nos dispensar da necessidade de nos justificarmos e, também, de pedir perdão. É curioso que Aristóteles, insuspeito de não pensar de modo grego, tenha uma posição tão pouco favorável ao pudor, atribuindo-o antes à imaturidade dos jovens, que, vivendo sob o domínio da emoção, são propensos a cometerem muitos erros<sup>24</sup>. Heidegger, que conhecia muito bem Aristóteles, faz questão de ignorá-lo em seu comentário, preferindo outros gregos para caracterizar a maneira própria de ser entre os homens. E não é apenas Aristóteles que é ignorado por Heidegger, mas também o próprio Heráclito. É que há pelo menos um fragmento de Heráclito, no qual aparece o verbo λανθάνω, que interdita expressamente a associação feita por Heidegger entre o manter-se encoberto e o pudor, como forma própria de corresponder ao “encobrir-se iluminado” da φύσις. Trata-se do fragmento 1 DK, considerado justamente a parte inicial do livro perdido de Heráclito. Vale citá-lo na íntegra:

Com o Logos, porém, que é sempre, os homens se comportam como quem não compreende tanto antes como depois de já ter ouvido. Com efeito, tudo vem a ser conforme e de acordo com este Logos e, não obstante, eles parecem sem experiência nas experiências com palavras e obras, iguais às que levo a cabo, discernindo e dilucidando, segundo o vigor, o modo em que se conduz cada coisa. Aos outros homens, porém, lhes fica encoberto (λανθάνει) tanto o que fazem acordados, como se lhes volta a encobrir (ἐπιλανθάνονται) o que fazem durante o sono.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001, p.232.

<sup>24</sup> Ética a Nicômaco, IV, 15, 1128 b 17.

<sup>25</sup> Trad. Emmanuel Carneiro Leão.

No fragmento acima citado, o verbo *λανθάνω*, traduzido por encobrir (E. Carneiro Leão), significa algo como um deixar escapar, um não perceber, ignorar. É a insciência típica daqueles que dormem, daqueles que vivem voltados para o que é particular (frag. 89 DK). Não há nada de propiciador aqui, pois, do contrário, Heráclito não poderia ter dito, no fragmento 73 DK: “não é para se falar e agir dormindo”. Heidegger parece, claramente, ter trocado o dito pelo não dito ao atribuir ao caráter protetivo e propiciador do encobrimento a verdade profunda do pensamento de Heráclito. Se pensarmos que o verbo em questão deveria corresponder à postura humana fundamental de recolher-se por pudor como modo próprio de vigorar entre os homens, temos que semelhante postura não corresponde ao seu emprego quando Heráclito se refere especificamente aos homens. Próprio dos homens deveria ser, ao contrário, a vigília, o estar acordado, como um não se manter encoberto “nas experiências com palavras e obras”. De pleno acordo com Heráclito, entendido desse modo, e não como Heidegger o entende, está Aristóteles, a respeito do modo próprio de vigorar entre os homens. O Estagirita, de fato, ao mesmo tempo em que recusa ao pudor o status de virtude, reconhece no ser veraz (*ἀληθευτικός*) uma virtude ética das mais relevantes, já que se contrapõe ao laborar no falso (*ψευδομένων*), quer dizer, na afetação (*προσποιήματι*). Como meio termo, o ser veraz estaria entre o presunçoso (*προσποιητικός*), que afeta possuir qualidades que não possui ou maiores do que as que possui, e o dissimulado (*εἴρων*), que nega as qualidades que tem ou as torna menores. Já o veraz (*ὁ ἀληθευτικός*), assume abertamente as qualidades que possui, na vida e no discurso (*τῷ βίῳ καὶ τῷ λόγῳ*).<sup>26</sup>

A leitura que fizemos do comentário de Heidegger do fragmento 16 de Heráclito procurou colocar em questão a assimilação feita por Heidegger da palavra grega *ἀλήθεια*, de modo que esta possa expressar a essência mesma da *φύσις*. Nosso objetivo principal não foi o de questionar o conceito heideggeriano de *ἀλήθεια*, o qual encontra plena correspondência, em sua linguagem filosófica, no termo *Ereignis*, comumente traduzido para o português como “acontecimento apropriativo”. Nosso objetivo principal foi o de evidenciar certas nuances valiosas que fazem Heráclito discrepar e se recusar à assimilação intentada por Heidegger. Por um lado, Heidegger parece falar a própria linguagem de Heráclito, atualizando, de forma extraordinária, o impacto do seu pensamento. Por outro lado, especificamente, quando

---

<sup>26</sup> Ética a Nicômaco, IV, 1127 a 18.

privilegia o velamento enquanto o que protege e abriga o manifestar-se e quando sustenta, interpretando Heráclito, que o pudor seja a forma própria de vigorar entre os homens - momentos fundamentais da sua interpretação - Heidegger encobre e mesmo distorce a “doutrina de Heráclito”, que pode ser depreendida dos fragmentos e tal como foi compreendida por filósofos e comentadores posteriores, em muitos sentidos, seus continuadores. O perigo não muito salutar que corremos ao ler a interpretação de Heidegger é o perigo de acabarmos encantados por ele e considerarmos dispensável toda leitura própria dos fragmentos e da doutrina de Heráclito, nos fechando, antecipadamente, para o diálogo pensante que Heráclito não cessou de mobilizar ao longo de toda a Antiguidade e até os dias de hoje. Afinal, para que enfrentar as dificuldades de ler o próprio Heráclito e seus comentadores, se podemos ouvi-lo diretamente através de Heidegger, na pureza absoluta de seu ditado pensante? Importa muito ouvir Heidegger, mas amarrados, bem amarrados, ao mastro do navio.

### **Referências Bibliográficas**

ANAXIMANDRO. *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2005.

ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea III 9 – IV 15. As virtudes morais*. Trad. Marco Zingano. São Paulo: Odisseus, 2020.

HEIDEGGER, M. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Heráclito: A origem do pensamento ocidental: Lógos: a doutrina heraclítica do lógos*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

\_\_\_\_\_. *Ser e tempo*. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

KAHN, Charles H. *A arte e o pensamento de Heráclito: uma edição dos fragmentos com tradução e comentário*. Trad. Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Paulus, 2009.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

PLATÃO. *O banquete, Apologia de Sócrates*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001.

Recebido em: 07 de 2024  
Aprovado em: 02 de 2025